



Comunidade Agroflorestral José Lutzenberger: rede de saberes para conservação da biodiversidade

José Lutzenberger Agroforestry Community, essential knowledge for biodiversity conservation in twenty years of struggle.

MORGAN, Lunamar C.¹; FRANCISCO, Alan M.¹; FREITAS, Fatima A. F.¹;
MOURÃO, Ananda G.¹; KELLERMAN, Renata S.¹; LOPES, Paulo R.¹,
ARAÚJO LOPES, Keila C.¹; JANTALIA, Eduardo K.¹

¹ Integrantes do Projeto Tecnologias Sociais para a promoção da segurança e soberania alimentar, Nea Juçara. UFPR Litoral, lunamarcristina@gmail.com; extensaoagroecologiaufpr@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimentos das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A Comunidade Agroflorestral José Lutzenberger fica localizada no município de Antonina/PR, é um assentamento de reforma agrária que tem a agroecologia como matriz de produção. O objetivo do presente trabalho é evidenciar os saberes das camponesas e camponeses como essenciais para a conservação da biodiversidade no local. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a observação participante, com o intuito de estar presente no cotidiano da comunidade; seguido da caminhada transversal para identificar a biodiversidade; o caderno de campo e a fotodocumentação complementam as metodologias citadas. A luta por reforma agrária e a construção constante do saber-fazer, faz com que as camponesas e camponeses da comunidade tenham a compreensão que são guardiãs e guardiões da Mata Atlântica trazendo o cuidado com esse bioma ao mesmo tempo em que cultivam alimento. Conclui-se que os saberes são construídos no decorrer do tempo de convivência com o território, e parte também do cuidado com a atual e as futuras gerações.

Palavras-chave: camponesas; agroflorestra; reforma agrária.

Introdução

Camponesas e camponeses carregam saberes dos lugares onde cultivam, onde pisam, onde defendem a vida todos os dias, vão contar as histórias de colheitas fartas, mas também de muita luta e resistência. Nessas últimas cinco décadas o sistema de agricultura moderna, tem invadido o campo impondo um pacote tecnológico desde o plantio até a comercialização. Onde a diversidade cultural e biológica construídas por décadas e até séculos são substituídas pela monocultura das lavouras do que hoje se intitula “O agro”. Para Barrera Bassols e Toledo (2015) os saberes são sistemas de conhecimento que se constroem com base nas experiências e nas necessidades do local. Formam uma complexidade de compreensão quanto às estruturas naturais e as relações com a ecologia, que estão



em constante transformação. Esses processos também vão trazer o sentido de pertencimento ao local.

Em tantos aspectos esse sistema imposto para o campo foi devastador, a começar pela forma que ele foi conduzido dentro das comunidades que secularmente trabalhavam a partir dos saberes sobre o solo, as sementes, os manejos e o cuidado com a biodiversidade local. No decorrer desse tempo de agricultura moderna, camponesas e camponeses tiveram seus conhecimentos apagados para validar aqueles que vinham das indústrias e dos interesses de empresas privadas (LUTZENBERGER, 2001).

Este estudo visa pesquisar os saberes das camponesas e camponeses na comunidade agroflorestal José Lutzenberger, com o objetivo de compreender como são essenciais para a conservação da biodiversidade local. A comunidade é uma área de ocupação do Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST), nas margens do Rio Pequeno, município de Antonina, litoral paranaense. O local que antes era fazenda de búfalo hoje é um assentamento da reforma agrária cultivando alimentos saudáveis, através da agroecologia.

Metodologia

A comunidade fica situada nas últimas áreas conservadas da Mata Atlântica, tendo como convivência diária a floresta ombrófila densa, são 228 hectares ocupados, as residências ficam em uma agrovila e cada família cultiva em seu lote alimentos agroecológicos a partir de Sistemas Agroflorestais (SAFs). Ressalta que o presente estudo se faz a partir de seis anos de aprendizados, trocas e convivências com as camponesas e camponeses da comunidade, mas o recorte de observação e identificação dessa rede de saberes para conservação da biodiversidade se fez em saídas de campo nos anos de 2022 e 2023. A principal metodologia que possibilitou essa pesquisa foi a Observação Participante, onde pesquisadora ou pesquisador está presente no cotidiano da comunidade e percebe a realidade através do “andar de olhos abertos”, é possível através da observação do cotidiano, compreender a realidade muitas vezes mais do que dezenas de questionários (VERDEJO, 2010). Para conhecer a biodiversidade local foi utilizada a Caminhada Transversal, “caminhada linear”, onde percorre-se um espaço geográfico com diferentes áreas de uso e recursos. Anotando os aspectos que surgem pela observação, em cada uma das diferentes zonas que se cruzam” (VERDEJO, 2010). Para complementar e possibilitar as duas metodologias citadas, foi utilizado o caderno de campo e registros fotográficos.

Resultados e Discussão

Sendo uma comunidade de reforma agrária, muitas pessoas vêm de outras regiões, então é possível identificar, pelas histórias contadas, um processo de



aprendizado para lidar com as chuvas, a floresta, o solo arenoso, entre outras características do litoral paranaense.

Próxima à agrovila onde moram as famílias, fica o Rio Pequeno, quando o local foi ocupado pelo MST o mesmo era contaminado pelos resíduos da fazenda de búfalo, o solo estava compactado e com erosões causadas pelo uso inapropriado da pecuária. Essa história é contada para quem vai visitar a comunidade, com o intuito de retratar a transição agroecológica percorrida e limites a serem alcançados. Um quadro com a foto da antiga fazenda, mostra essa realidade da pecuária do búfalo, como era o solo e o rio (FIGURA 1). Atualmente, predominam sistemas agroflorestais e cultivos mistos. O processo de recuperação das áreas de APP e RL estão avançados. As matas ciliares do Rio Pequeno foram recompostas e as águas são cristalinas, com elevado nível de potabilidade, aptas para banho (FIGURA 2).



Figura 1 - Área da ocupação. Fonte: Arquivo Projeto TS



Figura 2 -Rio Pequeno. Fonte: Arquivo Projeto TS

Destaca-se algumas informações que foram coletadas na observação participante, como o entendimento de guardiãs de sementes crioulas da comunidade, que trazem em suas práticas o cultivo de mudas de espécies nativas e exóticas, pois



perceberam que guardar a biodiversidade através das mudas é propício ao clima do litoral paranaense, então usam do espaço de seus quintais para cultivar mudas diversas, elas têm resgatado espécies nativas importantes para multiplicar a biodiversidade que entendem como necessária para elas e para as futuras gerações.

O afeto que se tem com a terra, é demonstrado no brilho dos olhos, na fala animada, no conhecimento sobre seus cultivos. Viver a vida através da luta da reforma agrária e da construção constante do saber-fazer, faz com que as camponesas e camponeses da comunidade tenham a compreensão que são guardiãs e guardiões da Mata Atlântica trazendo o cuidado com esse bioma ao mesmo tempo em que cultivam alimento.

Esse cuidado e cultivo têm sido apontados pela comunidade, como um resgate de saberes caiçaras, um dos povos que vive no litoral entre a costa do Rio de Janeiro a parte de Santa Catarina, tradicionalmente maneja a biodiversidade com extrativismo vegetal para alimentação e artesanato e prática a pequena pesca, muito rico culturalmente, mas que têm seus saberes ameaçados por diferentes fatores externos, entre eles a especulação imobiliária (DIEGUES, 2000). Segundo um dos camponeses, que vive desde criança nas margens do Rio Pequeno, para o caiçara o cultivo de alimentos está ligado muito mais a sua cultura do que à comercialização, essa história pode ser melhor visualizada acessando no canal de vídeos youtube, o documentário 2ª Festa da Reforma Agrária: Celebrando a Cultura Caiçara e Camponesa/Acampamento José Lutzenberger.

Importante destacar que diante de um sistema de agricultura dita moderna, a construção do “saber popular é como uma ruptura radical no silenciamento histórico” (TARDIN e TRAVASSOS, 2021 p.377) esses saberes possibilitam estratégias tanto na prática da agricultura e de manejo da biodiversidade, assim como traz o reconhecimento de que além do alimento, a comunidade produz conhecimento, como pode ser observado na Figura 1, onde a comunidade está recebendo na sua recém iniciada área de cultivo coletivo, estudantes da Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral (UFPR).

Para a construção do conhecimento agroecológico se faz essencial esse processo de trocas e aprendizados, uma vez que nos processos de apreensão e socialização dos saberes nas comunidades, é que se tem a base do que é a agroecologia como ciência, esses conhecimentos são essenciais para romper com o latifúndio do conhecimento das ciências agrárias (TARDIN e TRAVASSOS, 2021).



Figura 3 - Área inicial de cultivo coletivo. Fonte: Arquivo Projeto TS.

O cultivo de alimentos através de sistemas agroflorestais é um dos objetivos principais da comunidade. Nas caminhadas transversais pelas produções foi identificado cultivares diversas, como mandioca, batata doce, inhame, hortaliças, flores, ervas medicinais, espécies utilizadas para adubação verde, frutíferas nativas e madeiras. Durante o diálogo foi nitidamente expressado o conhecimento sobre época de plantio, adubação orgânica, colheita e comercialização. Para chegar a esse nível de diversidade e conhecimento as camponesas e camponeses, relatam as lutas que enfrentaram na ocupação das terras, no tempo que a terra não dava alimento, pois era compactada e mostram com alegria e orgulho o resultado de seus trabalhos. Onde antes era latifúndio, hoje estão produzindo alimento, levantando a floresta e protegendo o rio.

Em uma dessas caminhadas a camponesa que conduz a visita pelo seu lote, afirma que seu agroecossistema é uma salada, com tudo misturado, e sorri por ver tantas cores e sabores que tem cultivado através de seus saberes e das trocas com as companheiras na comunidade. Traz em seu cultivo a importância das frutíferas, para os pássaros e outros animais que transitam pelos plantios. É identificado nas falas sobre a biodiversidade que cultivam, o quanto ela se relaciona com a floresta, pois ter alimento sobrando para o “animal do mato” não é um prejuízo e sim um cuidado com o meio em que vivem, respeitando os animais que fazem parte do território onde fica a comunidade.

Tendo a agroecologia como matriz de produção, é possível perceber que os saberes facilitam a construção de agriculturas que potencializam a biodiversidade e a diversidade cultural (CAPORAL e COSTABEBER, 2004). Se destaca em suas falas que esse é um sistema que está dando certo e a prova está visível nas suas práticas de cultivo de alimento, com conservação da biodiversidade do bioma, onde estão inseridos.

Conclusões

Conclui-se que as camponesas e camponeses da comunidade agroflorestal José Lutzenberger, conservam a biodiversidade com saberes que vem sendo



passados de geração em geração no campesinato, somados aos que vão se tecendo entre o clima, os relevos, as águas e as florestas de Antonina, no litoral paranaense, a resistência e o afeto são parte de um saber de muito cuidado com a atual e as futuras gerações.

Para tanto, a comunidade que luta há 20 anos por reforma agrária junto ao MST, hoje é um assentamento que se contrapõe às notícias falsas, à criminalização do movimento e a CPI que se instala no ano de 2023. Iniciativas contra camponesas e camponeses que têm produzido alimentos para o Brasil e que, assim como a comunidade agroflorestal José Lutzenberger, conta com diversos outros acampamentos e assentamentos que cuidam de biomas e cultivam alimento, através das suas sabedorias, da agroecologia e da luta por uma sociedade mais justa e entende-se que a ciência na agroecologia deve sistematizar e socializar essas construções.

Agradecimentos

Agradecimento à Comunidade agroflorestal José Lutzenberger, pelos imensuráveis aprendizados. Ao Projeto Tecnologias Sociais da Universidade Federal do Paraná, pelo comprometimento junto à comunidade. Ao Movimento das Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais Sem Terra pela incansável luta por reforma agrária e pelo rompimento com as cercas do latifúndio do conhecimento.

Referências bibliográficas

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. MDA/SAF/DATER-IICA, **Agroecologia: alguns conceitos e princípios**. Brasília. 2004.

DIEGUES, A. C. et al. (Org.) **Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil**. São Paulo, 2000;.

LUTZENBERGER, J. A. O absurdo da agricultura, **Revista Estudos Avançados**, v.15, n. 43, p.61-74, 2001.

TARDIN, J. M.; TRAVASSOS, R. **Educação popular em agroecologia**. In: DIAS, A. P. et al. (org.) **Dicionário de Agroecologia e Educação**. 1º Ed. São Paulo, Expressão Popular, p. 375-383. 2021.

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo: guia prático**. 3ª ed. Brasília: MDA. 2010.

TOLEDO, V. M.; BASSOLS N. B. **A memória biocultural: A importância ecológica das sabedorias tradicionais**. São Paulo, SP, 2015. 272 p.